

DA COMPETÊNCIA DA *PSYCHÉ* PARA A 'CRITERIOLOGIA': SENSO-PERCEPÇÃO (*AÍSTHESIS*) E O PROBLEMA DO ERRO EM EPICURO

Marcos Roberto Damásio da Silva¹

Resumo: O objetivo deste artigo é elucidar a competência da *psyché* sua relação com as senso-percepções [*αἴσθησις*] e com o entendimento [*διάνοια*] na aquisição do conhecimento, especificamente na *criteriologia*, onde Epicuro expõe a fundamentação do conhecimento seguro, isto é, a "ciência do critério de verdade". Para Epicuro a *psyché* exerce a função mais importante no processo do conhecimento, aquela de 'traduzir' os dados advindos de 'fora' [*ἔξωθεν*] tornando-os realidades discursivas. Uma vez compreendido o lugar da *psyché* e a inalienabilidade das senso-percepções, perguntar-se-á pelo lugar do erro [*διημαρτημένον*] em sua gnosiologia, uma vez que as senso-percepções são irrefutáveis.

Palavras-chave: *Psyché*, criteriologia, senso-percepção, erro, Epicuro.

Abstract: The aim of this paper is to clarify the expertise of the *psyché* and its relation to sense perceptions [*αἴσθησις*] and with the understanding [*διάνοια*] in the acquisition of knowledge, specifically in *criteriology* where Epicurus exposes the reasoning of certain safe knowledge, in this case the "science of the criterion of truth." In the point of view of Epicurus the *psyché* plays the most important role in the process of knowledge, that of 'translate' the data from the 'outside' [*ἔξωθεν*] making them discursive realities. Once we understand the place of the *psyché* and the inalienability of sense perceptions, it will be asked for the pinpoint of the error [*διημαρτημένον*] in his gnosiology, since the sense perceptions are irrefutable.

Keywords: *Psyché*, criteriology, sense-perception, error, Epicurus.

¹ Doutorando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em filosofia da UFMG. E-mail: marcosdamasioufc@gmail.com

Por *criteriologia*², na filosofia de Epicuro, entende-se a compreensão sistemática do conjunto de fundamentos que dão suporte tanto aos ajuizamentos seguros, numa esfera *gnosiológica*, como também às “reflexões sobre os modos de vida”³, campo da ‘ética’, ou mais precisamente como se opta traduzir aqui, da *sabedoria*⁴. Foi a isto, que chamou Epicuro de “critérios da verdade” [κριτήρια τῆς ἀληθείας]. Estes critérios situam-se na primeira parte da tríplice divisão da filosofia de Epicuro, descrita por Diógenes Laércio como Canônica [κανονικὸν], a qual denominam os epicuristas de “ciência do critério de verdade e do primeiro princípio, e também doutrina elementar”(DL, X, 31⁵). Divisão esta, segundo Farrington, comum no período helenista: “as escolas antigas, de hábito, reconhecem três partes da filosofia, a racional, a natural e a moral” (FARRINGTON, 1968. p. 111).

Na esfera própria do conhecimento, Epicuro empreende um procedimento filosófico necessário para a articulação de uma nova proposta gnosiológica e que configura um período histórico-filosófico. Este período, denominado de helenístico, têm em vista a centralidade da senso-percepção [αἴσθησις] como ponto de partida para se considerar a natureza do real (ὄν). A forma como a *psyché*⁶ é encarada, também marca uma distinção considerável em relação ao período clássica. Esta discussão se estabelece a partir do naturalismo dos filósofos pré-socráticos na tentativa de superar um idealismo vigente que submete a senso-percepção à simples competência de percepção do mundo, ou seja, é necessária para formulação do conhecimento, mas secundária, pois, pensando com Platão, quando da arguição ao escravo de Mênon, ele assevera: “[...] se sempre teve [a ciência que tem agora], ele sempre foi alguém que sabe” (PLATÃO, *Mênon*, 85d), tendo na sensibilidade, portanto, a ação de ‘rememorar’ [ἀναμνήσκεσθαι] o que já existia na *psyché* *apriori*.

² Termo tomado de Miguel Spinelli em: *Epicuro e as bases do epicurismo*, 2013, *passim*, o qual julga-se, aqui, a melhor concepção dos “critérios da verdade”.

³ BOLLACK, Jean; LAKS, André. (ed). *Etudessurl’Epicurismeantique. Cahiers de Philologie*. Publications de l’Université de Lille III. 1977. pp. 26-27. Opta-se pela tradução de André Laks onde “ἔστι δ’ ἐν αὐτῇ τὰ περὶ βίων” melhor de traduz por: “on y trouve les réflexions sur les modes de vie” que “tratada das concepções da vida humana”(DL, X, 29), como traduziu Mário da Gama Cury, pois “vida humana” que “modos de vida”, esta segunda, apontando claramente para uma concepção ética da vida. Também antes e depois da EME Diógenes Laércio usa a expressão τῶν βιωτικῶν, 117 e 135,

⁴ Quando Diógenes Laércio se refere à epístola endereçada a Heródoto ele diz “sobre a física” [περὶ τῶν φυσικῶν]; quando se refere à epístola endereçada a Pítocles “sobre as coisas suspensas no ar” [περὶ μεταρσίῳν], numa referência aos fenômenos celestes; mas quando se refere a terceira epístola, escrita a Meneceu escreve apenas “sobre os modos de vida” [περὶ βίων], não fazendo referência ao termo ἠθικῶν no sentido estrito do termo, visto que a ética para Epicuro mais se assemelha a uma sabedoria enquanto φρόνησις, uma sabedoria prática e não sistemática. Diógenes Laércio cita uma obra de Diógenes de Tarsos intitulada: *Epítome da doutrina ética de Epicuro* [Ἐπιτομῆ τῶν Ἐπικούρου ἠθικῶν δογμάτων], onde usa o termo ἠθικῶν.

⁵ Doravante a obra de Diógenes Laércio será abreviada para DL; a *Epístola a Heródoto* para EHe; *Epístola a Pítocles* para EPi; *Epístola a Meneceu* para EMe.

⁶ Opta-se pela transliteração de ψυχή (*psyché*) e nunca traduzir por ‘alma’.

Para Epicuro, portanto, esta competência [δύναμις] das senso-percepções não se restringe apenas à ‘percepção do mundo’, sendo este, apenas o primeiro e natural movimento próprio da αἴσθησις – o que no caso de Platão limita-se a ajudar a ‘rememorar’ algo já existente na *psyché* – mas também à ‘confirmação’ [μαρτύριον] desta percepção num segundo movimento (Cf. DL, X, 34), onde participa *apsyché*, ou seja, onde ela, de posse do dado sensível e já transformado em afecções [πάθη] retorna à senso-percepção enquanto uma representação [φαντάσμα] carente de confirmação, isto é, carente de uma ‘prova’ ou um ‘testemunho positivo’. É a *psyché*, portanto, a responsável natural pelo gerenciamento do conhecimento que parte sempre da senso-percepção (de forma direta ou via analogia) e encontra no entendimento [διάνοια] sua formulação última e necessária.

Antes de qualquer afirmação acerca da natureza da *psyché*, faz-se importante, tomando como pressuposto a compreensão de que ela é um complexo corpóreo [EHe, 63: ἡ ψυχὴ σῶμά ἐστι] não devendo confundir com a noção platônica de *somatoeidea*, nem tão pouco como imagina Homero, descrevendo-a como uma ‘sombra’ [σκιά] que “sai voando como um morcego para o Hades” (HOMERO, 2001. 22. 467), tornando-se visível e bebendo sangue, numa clara atribuição física (ROBINSON, 2010. p. 17), para Epicuro é impossível atribuições comportamentais humanas para a *psyché* sem a união com o corpo, aliás, para os atomistas de um modo geral a *psyché* não existe fora do corpo. Ela é formada integralmente de átomos (corpos) e vazio [σώματα καὶ κενόν], um agregado atômico diferenciado dos outros corpos sensíveis, “constituída de partículas sutis, dispersa por todo o organismo” [EHe, 63: λεπτομερὲς παρ’ ὅλον τὸ ἄθροισμα], logo, na perspectiva de Epicuro, “composta de átomos lisos e arredondados” [EHe, 66: λέγει ἐν ἄλλοις καὶ ἐξ ἀτόμων αὐτὴν συγκεῖσθαι λειοτάτων καὶ τρογγυλωτάτων⁷]. É também de natureza imperceptível, isto é, ἄδηλον, no entanto, não da mesma ordem de imperceptibilidade que os princípios⁸ [ἀρχὰς] constituintes de toda φύσις, pois embora também seja ἀόρατον (invisível) não é de natureza simples nem imorredoura [ἄφθαρτα] como o átomo. A bivalência da natureza da *psyché* – composta e não perceptível – é o que a põe como participante direta tanto das senso-percepções como do entendimento.

⁷ Aqui, acentua-se a distinção entre a natureza da ψυχή e a natureza do σῶμα, embora sejam ambas as naturezas agregados atômicos (ἄθροισμα).

⁸ Faz-se distinção entre imperceptíveis de primeira e segunda ordem. Os de primeira ordem são aqueles imperceptíveis-não-compostos, os átomos e o vazio; já os de segunda ordem são imperceptíveis-compostos, a *psyché* e as imagens.

Todavia, embora não seja comum pensar a noção de *psyché* inserida no estudo dos critérios da verdade (criteriologia), e mais precisamente como parte inerente da senso-percepção [αἴσθησις], primeiro critério de verdade, vale salientar que é a *psyché* o eixo central de toda operacionalidade do ‘sujeito’⁹ detentor do λόγος, possibilitando assim os outros critérios, as antecipações e as afecções, frutos diretos da relação com o entendimento, levando-a a uma segunda concepção, isto é, além de corpórea, detentora da faculdade do sentir, é também uma faculdade intelectual: “tudo isto é evidenciado pela faculdade da *psyché*” [EHe, 63: τοῦτο δὲ πᾶν αἰ δυνάμει τῆς ψυχῆς δηλοῦσι], ou seja, tem uma competência racional que a caracteriza e que põe a diferença entre o homem [ἄνθρωπος] e os outros seres da natureza [ζῷον], aproximando assim, Epicuro de Aristóteles no que diz respeito à natureza humana.

É na *Epístola a Heródoto*, nos passos 63 a 68 onde Epicuro discute especificamente a natureza da *psyché*. Estes passos encontram-se repletos desta relação de mútua dependência entre a ψυχή e o σῶμα, ou entre sentir e pensar, levando a compreensão necessária que a αἴσθησις, enquanto faculdade é propriamente o aparato sensitivo na dependência da composição atômica da *psyché* imiscuída no corpo [σῶμα] como um todo, reservando à *psyché* uma importância sem precedentes para a percepção sensível. A implicação disso é que nenhum dos cinco sentidos “sentem” sem a *psyché*, logo, “sentir” não se restringe ao “choque” ou a “impressão”, mas é o que isto resulta ajuizado ou traduzido pela *psyché*:

Tampouco a alma [*psyché*] jamais teria sensação se não fosse de certo modo contida no resto do organismo. Mas, todo o resto do organismo, ao fornecer à alma a causa da sensação, participa também dessa propriedade que atinge a alma, embora não participe de todas as faculdades da alma. Por isso, com a perda da alma o organismo perde também a faculdade de sentir. De fato, o corpo não possuía em si mesmo tal faculdade, que lhe era suprida por alguma outra coisa, congenitamente afim a ela, ou seja, a alma, que com a realização de sua potencialidade determinada pelo movimento, produz imediatamente por si mesma a faculdade da sensação e torna participante o organismo, ao qual, como já dissemos, está ligada por uma estreita relação de vizinhança e consenso (EHe, 64).

Todavia, neste particular que se refere à relação do corpo dentro do processo cognitivo, Epicuro se mantém muito próximo também a Platão. Para este “a alma se serve do

⁹‘Sujeito’ no sentido de ‘atividade racional’ ou o ser que detém uma faculdade para entender e atuar sobre o mundo. É um termo sem correlato e estranho ao universo grego. Procurei usá-lo de forma ‘descartável’, e sempre que aparecer no corpo do texto exerce esta função meramente didática.

corpo” [PLATÃO, *Fédon*. 79c: ἡ ψυχὴ, ὅταν μὲν τῷ σώματι προσχρῆται], isto é, das senso-percepções, “através da visão, da audição” [Idem: διατοῦ ὁρᾶν ἢ διατοῦ ἀκούειν], para se relacionar com os particulares [ἕκαστον], e afirma: “de fato, a investigação através do corpo quer dizer investigação através dos sentidos” [Idem: τοῦτο γὰρ ἐστὶν τὸ διὰ τοῦ σώματος, τὸ δι’ αἰσθήσεως σκοπεῖν]. Em última instância, portanto, a função do corpo no processo cognitivo é perceber os particulares pelos sentidos, e num segundo momento, para Epicuro, ajuizá-los depois de confirmados. A afirmação de que a senso-percepção é a estrutura que torna possível a relação com os particulares, também aproxima Epicuro do pensamento de Aristóteles.

No tocante a Aristóteles, ele afirma no início do *livro A da Metafísica* que “a experiência é o conhecimento dos particulares, enquanto a arte é o conhecimento dos universais” [ARISTOTELES. *Metafísica*, A 1. 981a 16-17: ἡ μὲν ἐμπειρία τῶν καθ’ ἕκαστόν ἐστι γινῶσις ἡ δὲ τέχνη τῶν καθόλου], e que tanto o homem quanto os animais compartilham das senso-percepções, pontuando uma distinção fundamentalmente necessária, isto é, enquanto os animais se contentam com “imagens sensíveis” [φαντασίαις] e com as “recordações” [μνήμαις], unicamente ao homem, que ama as sensações [αἰθήσεων ἀγάπησις], pertencem a técnica e os raciocínios [τέχνη καὶ λογισμοῖς] próprios na *psyché* humana. Assim afirma Aristóteles:

Ademais, consideramos que nenhuma das sensações seja sapiência. De fato, se as sensações são, por excelência, os instrumentos de conhecimento dos particulares, entretanto, não nos dizem o porquê de nada: não dizem, por exemplo, por que o fogo é quente, apenas assinalam o fato de ele ser quente. (ARISTOTELES, *Op. Cit.*, 981b 10-15)

Epicuro, à semelhança de Platão e Aristóteles, também divide a *psyché* em três partes: a *primeira* não nominada (*akatonômaston*)¹⁰ por ele, composta de partículas muito sutis [λεπτομερῆς], bem mais sutis que as que compõem o restante do corpo composto [λοιπὸν ἄθροισμα], o que a coloca em um “contato mais íntimo [συμπαθὲς] com o resto do organismo” (EHe, 63); a *segunda* parte da *psyché* é por ele descrita como “não-discursiva” [ἄλογον], a qual encontra-se espalhada por todo o corpo operando na imediatidade do sentir; e uma *terceira*, a parte “discursiva” [λογικὸν], ou racional a qual está situada no centro do peito [EHe, 66: τὸ δὲ λογικὸν ἐν τῷ θώρακι], indicando, todavia, que é da ordem do discurso e detém

¹⁰Vale salientar que esta “terceira parte” [τρίτον μέρος] da *psyché* não é nominada por Epicuro e não que ela fora predicada de “sem nome” como alguns costumam indicar.

as prerrogativas para emissão de juízos, assim acrescenta Epicuro: “como podemos perceber claramente em nossos temores e em nossas alegrias” (EHe, 66).

Sendo assim, Epicuro conclui que perceber e ajuizar um corpo externo são competências da mútua atividade entre *αἰσθησις* *οσῶμα*, onde unidas compõem a senso-percepção¹¹. Esta tríplice divisão da *psyché* segundo Epicuro¹² é também ratificada mais tarde pelo seu seguidor latino Tito Lucrécio Caro: “[...] e este está colocado na região média do peito [...] aqui, portanto, estão o pensamento e o espírito. A outra parte, a alma, disseminada por todo o corpo, obedece e move-se segundo a vontade e a impulsão do espírito” (DRN, III, 140-145). Para Lucrécio, o homem divide-se em três partes, corpo, alma e espírito, divisão esta não encontrada textualmente em Epicuro, pois não há distinção entre alma e espírito. O corpo (*corpora*) cede objetiva da sensação; a alma (*anima*), dispersa por todo o corpo, ligada diretamente à senso-percepção; e o espírito (*animus*), pensamento ou mente, o qual encontra-se no meio do peito.

Destarte, a importância da *psyché* na *gnosologia* epicúrea vai além de sua relação com assenso-percepções, desdobrando-se numa relação direta com o entendimento [*διάνοια*], relação esta mais refinada e, sobretudo é o que constrói os ordenamentos para além da esfera físico-natural, a saber, as relações humanas, como linguagem, política, ciência, cultura, etc. Se na operacionalidade junto à senso-percepção parte da *psyché* limita-se à competência de sentir, isto é, por ser *ἄλογον* não produzir discurso, pois não participa da memória [DL, X, 31: *αἰσθησις ἄλογός ἐστι καὶ μνήμης οὐδεμιᾶς δεκτικὴ*], quando atua junto com o entendimento detém outra competência, a de emitir juízos sobre o que sente, ou seja, por ser *λογικόν* tem a prerrogativa de julgar os dados da percepção sensível e diz o mundo munida com os critérios da verdade, a saber: “as sensações, as antecipações e as afecções” [DL, 31: *τὰς αἰσθήσεις καὶ προλήψεις καὶ τὰ πάθη*] armazenados no entendimento.

Todavia, é com os dados guardados em si mediante a reincidentes percepções sensíveis, a saber, as antecipações [*προλήψεις*] do entendimento ou as “ideias universais” [*καθολικὴν νόησιν*], que a *psyché* opera a partir das experiências e as externam por meio da

¹¹ Denomino aqui esta atividade de ‘participação’, onde os átomos da *psyché* espalhados por todo organismo participa do conhecimento, neste primeiro momento, ainda um ‘sentir desajuizado’, mas que só é possível porque a *psyché* participa. Para uma ilustração modernizada, uma vez que a *αἰσθησις* é composta pelos poros (*πόροις*), ou passagens, a *ψυχή* fosse o sistema nervoso espalhado por todo corpo e responsável por conduzir todos os estímulos ao cérebro. Logo, *ψυχή* não é *αἰσθησις*, mas ambas por estarem unidas participam mutuamente.

¹² Esta divisão assemelha-se a proposta por Aristóteles, que também a divide em três partes: a nutritiva, a sensitiva e a racional, esta última exclusiva dos seres humanos. (ARISTÓTELES. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas: REIS, Maria Cecília Gomes, 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2006. II, 2).

linguagem ou simplesmente das “das palavras” [τοιςφθόγγοις], evitando assim, “não deixar tudo incerto e não ter de continuar explicando tudo até o infinito, ou então usar palavras destituídas de sentido” (EHe, 37). É, sobretudo, uma retenção mnêmica [μνήμην¹³] constituída empiricamente. Logo, são estas experiências guardadas que garantem a possibilidade da articulação coerente das diversas formas de saberes e meios de se fazer ciência, entre as coisas percebidas e os conceitos ou significados empregados para designar cada ente. Nas palavras de David Konstan, “a parte da alma localizada no peito, em contrapartida, concentra processos racionais mais sofisticados”¹⁴.

Conceder a primazia à senso-percepção dentro do processo cognitivo é, no entanto, admitir o movimento e a multiplicidade, “os dois principais aspectos da experiência sensorial”¹⁵, e mediante tais propriedades do real, poder legitimamente, emitir juízos acerca do mundo sem incorrer no erro [διμαρτημένον], que, por sua vez, tem sua origem, na verdade, “mediante uma opinião” [προσδοξαζομένω], isto é: “o falso [juízo] e o erro encontram-se no que é colocado pela opinião” [EHe, 50: τὸδὲψεῦδος καὶ τὸδιμαρτημένον ἐντῷ προσδοξαζομένω ἀεῖέστιν], e nunca pela senso-percepção, a qual não possui, sozinha, competência alguma nos ajuizamentos e por isso Epicuro a predica de ἄλογον, ‘aquilo que não articula discurso’.

Todavia, por uma questão de comprometimento com o critério da evidência, exclui-se das senso-percepções a possibilidade do erro, mas não a atuação da *psyché-logikón* junto ao entendimento (a parte da *psyché* situada no centro do peito), aquela que dá conta de processos racionais, como se, de certa forma, parte da *psyché* imbricada nas senso-percepções participasse do erro embora não seja a causa dele, pois compete a ela demonstrar apenas o fato percebido, isto é, “um dado bruto” (BRUN, 1987, p. 44), restrito à realidade factual. O que nas palavras de García Rúa: “convém considerar, que quando na linguagem epicúrea, se diz que as sensações não podem nos enganar não se trata de um sentido proposicional da verdade, mas sim da facticidade de um feito” (RÚA, 1996, p 43). Assim sendo, o que permanece é a mediação entre os sentidos-*psyché*-entendimento no trato com o mundo, nas palavras de Figueira:

¹³ A afirmação de que a antecipação é uma memória deixa clara a função tanto da faculdade da sensibilidade, que não produz memória e a operação do entendimento, que supera as sensações e guarda na *psyché* as diversas sensações, ou seja, produz memória do que foi experimentado na sensibilidade (Ibidem, loc. cit.).

¹⁴ KONSTAN, David, *A Alma*: GIGANDET, Alain e MOREL, Pierre-Marie (Orgs). *Ler Epicuro e os Epicuristas*. p.128.

¹⁵ G. S. Kirk; J. E. Raven; M. Schofield. *Os Filósofos Pré-socráticos*. 7 ed. Tradução: FONSECA, Carlos Alberto Louro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.p. 431. (Doravante abreviado para KRS).

Ao transformar sensações [*aístheseis*] em sentimentos, ou seja, em algo que se manifesta ao pensamento, a alma promove a mediação homem-mundo exterior; ela dá sentido à realidade dos corpos naturais e os tornam compreensíveis ao pensamento, que é feito do seu próprio movimento (FIGUEIRA, 2003, p. 62).

Duas são as possibilidades que, para Epicuro (e para os atomistas de um modo geral), induzem o homem ao erro e à falsa predicação, e que conseqüentemente, como já fora salientado, passa pelo gerenciamento da *psyché* e acaba por se externar ao âmbito do discurso [*λόγος*], isto é, nos ajuizamentos das percepções por parte da *psyché*. Em primeiro lugar, o erro (juízo errôneo), dá-se pela distância percorrida por uma determinada imagem [*εἰδώλων*] a partir do ponto de projeção dos eflúvios [*ἀπορροαί*] – o corpo composto – e a senso-percepção¹⁶ (receptora desta imagem), isto é, quanto maior a distância entre o ente percebido e o que percebe, maior a possibilidade do juízo-erro. Em segundo lugar – o que se deriva necessariamente do primeiro erro (a distância) – tal percurso proporciona uma “interpenetração das imagens” (EHe, 48). Ou seja, imagens de diversos corpos compostos desprendidos e projetados no vazio infinito [*κενὸν ἄπειρον*], podem, de algum modo, se misturarem, isto porque também são corpos-imagens formados por átomos, gerando assim uma nova composição [*συστάσεις*] também de átomos, até tocarem assenso-percepções. Quando isto acontece, o entendimento-*psyché* que recebe este estímulo da impressão nos sentidos-*psyché* [*προσβολή*] emite juízos equivocados, e isto acontece simultaneamente, dando origem assim ao erro. Tendo em vista esse mecanismo imagético, os epicuristas, segundo Diógenes Laércio, resolvem o problema com a atitude de “estar em espera” [*προσμεῖναι*], isto é, esperar uma confirmação das senso-percepções:

Se [a opinião] é confirmada por outros testemunhos e não resulta contraditada por nenhuma outra é verdadeira. Pois se não é confirmada por testemunhos e é contraditada, resulta falsa. Por isso introduziram a qualificação de ‘em espera’ [*προσμένον*], por exemplo, na espera de aproximar-se à torre e conhecer como ela é de perto (DL, X, 34).

Neste sentido, é lícito afirmar que as senso-percepções tem um domínio quase absoluto do verdadeiro, uma vez que fundamenta a realidade pela introjeção do que é externo

¹⁶ Nesta perspectiva, por faculdade da sensibilidade (*αἴσθησις*), deve-se sempre entender sensibilidade/*psyché*, e por faculdade do entendimento (*διανοία*), sempre entendimento/*psyché*. O que determina esta compreensão é a composição somática da *psyché*, que ora atua junto da sensibilidade, por ser parte inerente dela, e ora com o entendimento, parte discursiva da *psyché* imbricada com o entendimento.

a ela, e é onde também o entendimento-*psyché* busca suas referências. Portanto, como afirma Epicuro “devemos nos ater em todo caso às nossas sensações, e particularmente às projeções presentes [παρούσας ἐπιβολὰς] (em nós) [...], para que possamos nos referir a esses critérios [κριτηρίων], tanto o que aguarda confirmação como o não evidente” (EHe, 38). Tal asserção é confirmada tão somente pelo caráter evidente e objetivo que assumem as sensações, isto é, “a existência de percepções [ἐπαισθήματα] efetivas garante a verdade das sensações [αἰσθήσεων ἀλήθειαν]; pois tão efetivamente dá-se o fato de que vemos e ouvimos, como também de que sentimos dores” (DL, X, 32).

Estas sensações que a princípio são meros dados sensíveis, convertem-se em puro pensamento [ἐννοίαν], e, que no entanto, foge a uma mera opinião vazia [κενῶνδοξῶν], e que se estabelece, portanto, como uma correta opinião [δόξαν ὀρθήν], isto porque já fora confirmada pelas senso-percepções, detentora de tal competência. Portanto, tudo que afeta a faculdade de sentir precisa, necessariamente ser referenciada, ou seja, “confirmadas” [ἐπιμαρτυρῆται], “refutadas” [ἀντιμαρτυρῆται] ou “não refutadas” [μὴ ἐπιμαρτυρῆται] mediante o critério da evidência [ἐνάργεια], perpassando assim o estado de espera e gerando, contudo a confirmação. Logo, o conceito epicúreo de “espera” supera a “suspensão” [ἐποχή] cética que esbarra na impossibilidade da predicação como pretensão de verdade, o que para Epicuro é possível e necessário, embora admitindo a possibilidade de se incorrer no erro.

É, todavia atribuído a Protágoras, no diálogo *Teeteto* de Platão uma doutrina da senso-percepção em que o conhecer [ἐπιστήμη] é percepção [αἴσθησις]¹⁷. Esta doutrina de Protágoras é atestada por Diógenes Laércio, que “afirma também que a alma nada é além dos sentidos” [DL, IX, 51: ἔλεγέτε μὴ δὲ νῆναι ψυχὴν παρὰ τὰς αἰσθήσεις]¹⁸. Segundo a interpretação de Platão, diz-se do “efeito do encontro [προσβαλῆ] do olho sobre o movimento apropriado” (PLATÃO, *Teeteto*, 151-186)¹⁹. Trata-se, todavia de uma simultaneidade entre percepção e ajuizamento (um logos discursivo), que na perspectiva do Protágoras descrito por Platão é, em última instância, um “efeito intermediário” que não diz respeito nem ao ente percebido nem ao que o percebe. Esta descrição da percepção segundo Protágoras exclui a possibilidade de se predicar algo [τι], restando apenas a percepção das relações dos entes no mundo. Não é, todavia, esta proposta gnosiológica oferecida por Epicuro, embora permaneça o conceito de encontro [προσβαλῆ], atribuído a Protágoras por Platão, mas, sim, entre a imagem [εἰδώλων]

¹⁷ PLATÃO, *Teeteto*, 152c: Αἴσθησις ἄρα τοῦ ὄντος αἰεὶ ἐστὶν καὶ ἀψευδὲς ὡς ἐπιστήμη οὔσα.

¹⁸ Para Epicuro a *psyché* e as senso-percepções estão juntas num só corpo, mas são elementos distintos.

¹⁹ Diálogo onde Platão parece vincular Protágoras a uma doutrina sobre o mobilismo sensível.

desprendida do ente percebido e o ser dotado de percepção. Para Epicuro, é necessário afirmar que há os corpos compostos [σωμάτων] no mundo e que estes se dão a conhecer num puro mecanismo naturalmente sensível, o que reserva a Epicuro a designação de filósofo *sensísta*.

Destarte, é no passo 48 da *Epístola a Heródoto*, em que se demonstra claramente esta simultaneidade entre sensibilidade-*psyché*-entendimento-juízo que, no atomismo epicúreo, inicia-se com a formação das imagens [γένεσις τῶν εἰδώλων], emanação somática própria dos corpos compostos. Dá-se, portanto, que tais corpos, projetando-se como imagens imprimemna senso-percepção seu conteúdo imagético, quando, num segundo momento, o pensamento projeta-se sobre a imagem do ente percebido, numa ação natural do entendimento em dizer a sensação, portanto, é o que exprime Epicuro: “deve-se ter em mente que a formação das imagens é tão veloz quanto o pensamento” (EHe, 48). Vale salientar que a discussão de então, é referida por Epicuro, ainda no âmbito da senso-percepção, logo, não trata ainda do que efetivamente é a ideia universal do ente percebido, mas sim, a imagem desprendida deste ente, o que Epicuro chama de “emanação proveniente dos corpos” [EHe, 48: ῥεῦσις ἀπὸ τῶν σωμάτων]. Todavia, é por via da senso-percepção que a *psyché* encaminha o dado percebido – a imagem [εἰδώλων] do ente externo – ao entendimento, onde também gerencia esta informação, convertendo-a, agora sim, numa ideia universal [καθολικὴν νόησιν], sendo, no entanto, este processo como um todo simultâneo e imperceptível, objeto apenas de inferência via analogia.

Ainda no texto da *Epístola a Heródoto*, no passo supracitado, é a preposição ἄμα “juntamente com” que faz a ligação entre os termos imagem [εἰδώλων] e pensamento [νοήματι] reforçada pela ideia do verbo συμβαίνει, que indica o que “coincide” ou “harmoniza-se” (EHe, 48)²⁰. Portanto, explica-se gnosiologicamente a relação entre percepção/*psyché*/entendimento. Trata-se antes de tudo, de um mecanismo físico, uma emanação [ῥεῦσις] somática em que átomos se desprendem da “superfície dos corpos” [σωμάτων τοῦ ἐπιπολήζ] e “entram em nós” [ἐπεισιόντων ἡμῶν] originando assim o conhecimento do mundo e a possibilidade de um discurso seguro ou de um λόγος ordenador possível apenas na ordem do entendimento via analogia do sensível. Estas imagens que se desprendem dos corpos, diz Epicuro: “nunca poderemos perceber com os sentidos” [EHe, 48: οὐκ ἐπίδηλοσ τῆ μείωσει διὰ τὴν ἀναπλήρωσιν], restando apenas a inferência submetida a evidência das senso-percepções, um postulado necessário e que não encontra contradição.

²⁰ “Πρόστε τοῦτοις, ὅτι ἡ γένεσις τῶν εἰδώλων ἄμα νοήματι συμβαίνει”

Mas, nada de tudo isso é contraditado pelas sensações, se nos atemos de certo modo à evidência imediata, à qual devemos acrescentar o consenso suprido pelas propriedades constantes das coisas que nos vêm de fora.(EHe, 48)

Dado processo, todavia, distancia Epicuro de Parmênides, ao contrário do que pensa Spinelli ao traduzir *gênesis tôn eidôlôn* por “nascimento das ideias²¹” (SPINELLI, 2013, p. 26.). A imagem, ou simulacro [*simulacru*] como traduziu Lucrécio o termo *ειδώλων*, não deve ser confundido com ideia [*νόησις*], posto que, todavia, grosso modo, a imagem [*ειδώλων*] de um ente percebido constitui-se “fora” [*ἔξωθεν*] do ser dotado pela senso-percepção e o entendimento, já a ideia é uma formulação conceitual própria do ‘sujeito’ pensante e que se dá como universalização conceitual dos entes percebidos, e isto no ser cognoscível dotado de entendimento, diz-se, todavia, de um segundo momento, isto é, da passagem da imagem à ideia universal, conceitos radicalmente distintos na filosofia de Epicuro. Vale salientar também, que por imagem, e isto traduz o termo *ειδώλων*, Epicuro entende uma emanção de átomos sutis que conserva “a disposição e a sequência que os átomos tinham num corpo sólido” (EHe, 48), isto é, trata-se de uma ‘cópia-imagem’ do corpo percebido, ainda que imperfeita, e por isso se admite ainda a tradução latina de *simulacru*. Sobre essa imperfeição característica das imagens, Epicuro adverte: “embora às vezes ocorra alguma confusão” (EHe, 48).

Apsyché, portanto, constitui a noção primeira para as *προλήψεις* (segundo critério de verdade), que capta a imagem [*ειδώλων*] do corpo externo como ‘objeto’ a ser conhecido. É a *psyché* também, responsável direta pelas analogias [*ἀναλογία*] por inferências do universo estético – donde se chega a postular o não-conhecido mediante os entes conhecidos – pelas afecções [*πάθη*], sensações convertidas em sentimentos, e pelo próprio pensamento [*νόησις*] ou raciocínios [*λογισμός*], estágio último da gerência da *psyché-entendimento*, demonstrando-se, todavia, que sem ela nada poderia ser conhecido e resultaria mudo, uma vez que só pode ser conhecido o que penetra o aparato sensível e se aloja na *psyché*. É neste sentido, todavia, que a morte [*θάνατος*] pode ser definida como a perda da sensibilidade no nível da subjetividade²², isto é, a perda da capacidade de raciocinar e gerir os elementos que afetam as senso-percepções, afastando assim a morte como uma experiência vivida, exprimível como

²¹“O que, por exemplo, Epicuro escreveu a Heródoto – ‘que o nascimento das ideias se dá juntamente com o pensar’”.

²² Para mais detalhes sobre o referido assunto conferir o artigo: FIGUEIRA, Markus. Epicuro e a morte como perda da subjetividade. *Princípios*, UFRN, Natal/RN. A. II, n. 3, p. 140-6, Jul./Dez. 1995.

verdade. Logo, “a morte não é jamais uma experiência que se oferece a um particular, mas somente um acontecimento ao qual nós podemos assistir” (PESCE, 1974, p. 61). Se a ἐπιβολή necessita do “corpo-carne” (*soma-sarkós*) para realização do seu processo, as προλήψεις por sua vez, carecem do “corpo-alma” (*soma-psiché*) para serem efetivadas. Destarte, o papel das senso-percepções é apresentar o que não pode ser contrafactado [ἀντιμαρτυρεῖται], como testemunha Sexto Empírico:

Todas as representações são verdadeiras e com razão. [...] A sensação deve limitar-se a captar o que está presente e a move, como a cor, por exemplo, ela não deve julgar se uma coisa é o objeto em certo lugar, outra o objeto em outro. Por isso as representações são todas verdadeiras (SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, VII, 203-210).

Portanto, a *psyché* é a receptora das impressões sensíveis junto com a parte ἄλογον da sensibilidade e responsável por conservá-las como “lembranças” das impressões ao ponto que estas vão sendo reincidentes. As repetidas sensações vão ficando mais inteligíveis no decorrer das evidenciações, ao ponto de não restar dúvida alguma e de se afirmar categoricamente “aquilo que está à distância é um cavalo ou um boi” (DL, X, 33), pois essa imagem já está marcada (impressa) firmemente na *psyché*. Logo, “as impressões da alma [προλήψεις] resultam de afecções que promovem sensações, marcando-as na alma e tornando-as inteligíveis” (PESCE, 1974, p. 62). A cada sensação reincidente na *psyché* promove as “analogias” devidas tirando delas seu valor de verdade (conhecimento possível). Epicuro ainda demonstra na *Epístola a Heródoto* que a faculdade de sentir é própria da alma, “devemos ainda considerar que a alma desempenha o papel mais importante na sensação” (EHe, 63: καὶ μὴν καὶ ὅτι ἔχει ἡ ψυχὴ τῆς αἰσθήσεως τὴν πλείστην αἰτίαν δεῖκατέχειν). Esse agregado corpóreo diferenciado oferece os meios necessários para a *psyché* sentir/inferir/ajuizar.

Todavia, somente quando os átomos que compõem a natureza da *psyché* se dispersam [διασπείρεται] num processo natural – para usar um termo aristotélico – de ‘corrupção’ [φθορᾶς], é que o corpo juntamente se decompõe [διαλυομένου] – não necessariamente na mesma ordem – findando assim a faculdade desentir, isto é, a *psyché-aísthesis*, juntamente com o entendimento, conseqüentemente se desagregae se afastam a ψυχὴ δὸ σῶμα, deixando de ser competentes em suas funções dentro do processo cognitivo. Ao findar-se a senso-percepção, as relações entre o homem e o mundo-exterior já não existem, isso demonstra o pressuposto fundamental da gnosiologia epicuréia que afirma que o

homem só é enquanto na senso-percepção houver uma *psyché*, logo, a ausência de percepções caracteriza a morte:

Consequentemente, a alma enquanto permanece no organismo nunca perde a faculdade de sentir, mesmo com a perda de alguma parte do organismo. E se a alma também devesse perder alguma parte sua na dissolução total ou parcial daquilo que a contém, enquanto permanece e continua a sobreviver não perderá jamais a faculdade da sensação. O organismo remanescente, ao contrário, embora continuando a permanecer total ou parcialmente, já não tem sensação, quando o abandona aquele número de átomos, embora pequeno, necessário à constituição da natureza da alma. Além disso, quando todo o organismo, a alma se dispersa e não tem as mesmas faculdades, e já não é móvel nem possui a faculdade de sentir (EHe, 65).

Por fim, o *sensismo*²³ epicúreo, como fora demonstrado, estende-se a uma psicologia que poderia ser perfeitamente predicada de *corpúscular* para evitar veementemente a designação de materialista. Também os dados do conhecimento, pode se afirmar, são conteúdos *noéticos* que foram antes sensíveis e convertidos competentemente pela *psyché* em antecipações [προλήψεις] e afecções [πάθη], suportando assim, tanto uma física como uma sabedoria (ética) epicúreas ambas resultantes das competências da senso-percepções e do entendimento. Todavia, mantêm-se coeso o pressuposto da *physiologia* epicúrea que resulta, portanto, em conhecer na medida da possibilidade humana a φύσις também, poder desfrutar da vida sem os temores, fruto de uma má compreensão do real, resultando no temor dos deuses, da morte e dos fenômenos celestes.

²³ O termo “*sensismo*” não intenta reduzir a filosofia de Epicuro a um mero empirismo, mas sim, à caracteriza como uma filosofia que parte da senso-percepção – *sensismo* neste sentido – como critério fundante para sua gnosiologia. Fato é, que sem o critério da senso-percepção, os demais critérios seriam impossível, as antecipações e as afecções (DL, X, §31), uma vez que só se antecipa e é sentido o que antes fora percebido. Pensa-se ser isto que diz Miguel Spinelli em sua obra *Epicuro e as bases do epicurismo*, p. 54, publicada pela Paulus, 2013. Como também não dá pra assegurar ser Epicuro um “inferencialista”, visto que a inferência por via estética para se postular o imperceptível (ἄδηλον) é um processo no interior de sua filosofia e não constitui o princípio fundante de onde toda sua gnosiologia parte. Rejeita-se também a designação “*intuicionista*” defendida por Norman De Witt e já criticada por Rúa em sua obra *El sentido de lanaturaleza en Epicuro*, p. 42, publicada pela ComaresFilosofía, 1996. Todavia, entende-se aqui que o conceito de προλήψεις, não diz respeito a uma “noções inatas”, como erroneamente traduziram Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore na tradução da carta a Meneceu da Editora UNESP, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTELES. *Metafísica*. Tradução: REALE, Giovanni. Tradução para o português de PERINE, Marcelo. Edições Loyola, 2002.

BIGNONE, Ettore. *Epicuro: opere, fragmenti, testimonianze sulla sua vita*, Bari: Gius. Laterza & Figli. 1920.

BOYANCÉ, Pierre. *Lucrèce et l'épicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

BRUN, Jean. *O Epicurismo*. Tradução: PACHECO, Rui. Lisboa: Edições 70, 1987.

ÉPICURE. *Lettres, maximes et sentences*. Tradução: BALAUDÉ, Jean-François. Paris: Le Livre de Poche, 1994.

FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Tradução: JORGE, Edmond. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1968.

FIGUEIRA, Markus, da Silva. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

_____, Markus, da Silva. Epicuro e a morte como perda da subjetividade. *Princípios*, UFRN, Natal/RN. A. II, n. 3, p. 140-6, Jul./Dez. 1995.

G. S. Kirk; J. E. Raven; M. Schofield. *Os Filósofos Pré-socráticos*. 7 ed. Tradução: FONSECA, Carlos Alberto Louro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

HOMERO. *Iliada*. 2 ed. Tradução: NUNES, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Ediouro. 2001.

LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: KURY, Mário da Gama. Brasília: Editora UnB, 1988.

MARQUES, Marcelo P. (Org). *Teoria da Imagem na Antiguidade*. 1ª ed. Editora Paulus: São Paulo. 2012.

PESCE, Dominico. *Saggiosu Epicuro*. Bari: Laterza. 1974.

ROBINSON, Thomas M. *As origens da alma: os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles*. Tradução: DULLIUS, Alaya, Et Al. São Paulo: Annablume, 2010.

RÚA, José Luiz García. *El sentido de La naturaleza en Epicuro: Algunos aspectos del discurso físico epicúreo*. Editora Comares: Granada, 1996.

SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. 1ª ed. Editora Paulus: São Paulo. 2013.

USENER, Hermann. *Epicurea*. Leipzig: Teubneri. 1887.